

MEMÓRIA HISTÓRICA SÔBRE SOROCABA (IX).

ALUÍSIO DE ALMEIDA

do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

(Continuação).

III PARTE.

A REPÚBLICA (1889-1959).

CAPÍTULO IX.

*

ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL E RESENHA POLÍTICA.

Olivério José do Pilar, o chefe republicano, seguiu para São Paulo a 16 de novembro de 1889, com o coronel Sousa Mursa, diretor do Ipanema, a assistir a posse dos triúnviros do primeiro governo republicano do Estado, e de lá enviara notícia do regosijo popular e um exemplar do boletim espalhado, no dorso do qual escreveu a Benedito Antônio Pires que o esperasse com os amigos no trem da manhã, de 17.

De fato, êle desceu do trem ao toque da Marselhesa, entregou a bandeira das treze listas (desenho de Júlio Ribeiro) a dona Umbélia Lobo, filha do maestro e escrivão Manuel Álvares Lobo, e o cortêjo seguiu pelas ruas do Hospital, Penha e Municipal, parando em frente à casa de Santa Clara (frente ao beco da Matriz), onde estava Júlio Ribeiro que discursou, entrando enfim na Câmara Municipal, onde houve a sessão.

A última Câmara do Império, esperando a sua dissolução a qualquer momento, só conseguiu reunir-se em janeiro, pouco antes de sua dissolução.

Em 29 de janeiro de 1890 foi nomeada, pelo Governador Jorge Tibiriçá, a primeira Intendência, composta de 7 membros: doutor Manuel Lopes Monteiro de Oliveira, Benedito Antônio Pires, José Loureiro de Almeida, José Alves, Antônio de Mascarenhas Ca-

melo, João Martins França e José Gabriel de Carvalho. Foram empossados, com juramento sobre os Evangelhos (exceto José Gabriel) pelo presidente Martins França, a quem Mascarenhas, por ser o mais velho, empossara.

Como se vê pelos nomes, poucos tinham sido republicanos.

O regime de Intendência durou até a primeira Câmara Municipal da República, que tomou posse em 1892.

Foi Presidente desta o doutor Antônio José Ferreira Braga, que também administrou com se fôsse o Intendente, assim o julgamos, pois que somente em 1895 recomeçou o cargo a ser preenchido. Houve diversas Intendências até 1892, por causa das agitações políticas da Capital. Os presidentes dessas Intendências é que mandavam, de fato. Os mais notáveis foram o coronel Benedito Antônio Pires e Antônio Joaquim Dias.

Segue a lista completa dos chefes do Executivo, sendo de notar que se chamam prefeitos a partir do cap. João de Camargo Pires.

- Cap. José Vaz Guimarães — janeiro de 1895 a janeiro de 1896.
- Augusto da Silveira Franco — janeiro de 1896 a janeiro de 1899.
- Cap. José Dias de Arruda — janeiro de 1899 a janeiro de 1901.
- Coronel Francisco Loureiro — janeiro de 1901 a janeiro de 1902.
- João Ribeiro de Carvalho Braga — janeiro de 1902 a abril de 1902.
- Coronel José de Barros — abril de 1902 a janeiro de 1908.
- Cap. João Clímaco de Camargo Pires — janeiro de 1908 a janeiro de 1911.
- Dr. Álvaro Soares — janeiro de 1911 a março de 1913.
- Cap. Joaquim Eugênio Monteiro de Barros — março de 1913 a janeiro de 1914.
- Cap. Augusto César do Nascimento Filho — janeiro de 1914 a janeiro de 1921.
- Cap. Joaquim Eugênio Monteiro de Barros — janeiro de 1921 a janeiro de 1923.
- Cap. João Clímaco de Camargo Pires — janeiro de 1923 a janeiro de 1926.
- Dr. Luís Pereira de Campos Vergueiro — janeiro de 1926 a janeiro de 1927.
- Professor Jorge Moisés Betti — janeiro de 1927 a janeiro de 1929.
- Dr. João Machado de Araújo — janeiro de 1929 a outubro de 1930.
- Otacílio Malheiros — outubro de 1930 a julho de 1932.
- Dr. Ernesto de Campos — julho de 1932 a outubro de 1932.
- Dr. Davi Alves de Ataíde — outubro de 1932 a janeiro de 1933.

- Dr. João da Costa Marques — fevereiro de 1933 a julho de 1933.
Ten. Cel. Ari Cruz — julho de 1933 a setembro de 1933.
Dr. Eugênio Salerno — setembro de 1933 a agosto de 1935.
Dr. Francisco de Paula Camargo — outubro de 1935 a maio de 1936.
Porfírio Loureiro — maio de 1936 a julho de 1936.
Alcino de Oliveira Rosa — julho de 1936 a julho de 1938.
Cap. Augusto César do Nascimento Filho — julho de 1938 a julho de 1943.
Dr. José Fernal — 15 de junho de 1943 a 12 de outubro de 1945.
Dr. Mário Schmidt Inglês de Souza — 15 de outubro de 1945 a 9 de janeiro de 1946.
Doracy Amaral — 9 de janeiro de 1946 a 27 de abril de 1946.
João Wagner Wey — 27 de abril de 1946 a 24 de março de 1947.
Doracy Amaral — 24 de abril de 1947 a 14 de abril de 1947.
Nelson da Costa Marques — 11 de abril de 1947 a 24 de junho de 1947.
Jorge Frederico Schrepel — 26 de junho de 1947 a 31 de dezembro de 1947.
Dr. Gualberto Moreira — 1 de janeiro de 1948 a 31 de dezembro de 1950.
Armínio de Vascelos Leite — 1 de janeiro de 1951 a 31 de dezembro de 1951.
Emerenciano Prestes de Barros — 1 de janeiro de 1952 a 31 de dezembro de 1955.
Dr. Gualberto Moreira — 1 de janeiro de 1956 a 31 de janeiro de 1959.
José Lozano — 1 de fevereiro de 1959 a 31 de dezembro de 1959.
Dr. Artidoro Mascarenhas — janeiro de 1960 a agosto de 1962.
Emerenciano Prestes de Barros — agosto de 1962 a outubro de 1962.
Dr. Artidoro Mascarenhas — de outubro de 1962 a 31 de dezembro de 1963.

Olivério Pilar foi o primeiro delegado de polícia, então cargo político. Fêz-se eleger deputado à Constituinte, em seguida ao Congresso Estadual, ajudou os eleitores da região a levar à Constituinte e depois ao Congresso Nacional o sorocabano Antônio Moreira. Mas o velho Ferreira Braga, que aderiu à República no dia 10 de novembro, tinha um grande eleitorado. Fêz-se eleger deputado. O Governador Américo Brasiliense ficou do lado dêle, desprezando os velhos republicanos Pilar e Pires, nomeando Intendente o prestimoso e popular Antônio Joaquim Dias, que tinha o seu armazém à rua São Bento, pouco acima do atual Banco de São Paulo.

Havia-se mudado para cá, em 1891, o doutor Calixto de Paula Souza, engenheiro das obras do Votorantim. Ele, com o médico

Álvaro Soares juntou-se ao grupo de Olivério e Pires, que, de fato, derrubou o velho Braga, pois Paula Souza foi o Presidente da Câmara em 1895. O grande Olivério Pilar, uma glória de Sorocaba, com ser gaúcho da Cruz Alta, estava no fim, e faleceu antes, aos 29 de abril de 1894.

Ferreira Braga e seu genro, o médico Pereira da Rocha (que era de Caçapava), tinham nas mãos o eleitorado, por sua extrema bondade com todos. Foi a sua desgraça a Revolução de 1893, da Armada contra Floriano. Quando os federalistas Aparício e Gumerindo ameaçavam invadir São Paulo, Sorocaba estava em pé de guerra, tendo enviado voluntários para o Paranapanema e Itararé. Ferreira Braga era tido por federalista e os florianistas tanto o apertaram que êle, Presidente da Câmara Municipal de Sorocaba, montou numa besta marchadeira e, só com um amigo, Antunes Soares, chegou pelo sertão até Curitiba, onde Gumerindo Saraiva o nomeou Presidente do Paraná.

Êle voltou anistiado, em 1896, mas os seus implacáveis adversários, que faziam do nome de Floriano uma verdadeira mística, o castigaram apedrejando-lhe o jornal *A Voz do Povo*. Então êle retirou-se para a Capital, com o filho estudante — depois. Dr. Braguinha, e o genro médico. Aliás, o Dr. Pereira Rocha deixara a Sorocaba por lembrança um belo prédio para a época, o atual Palácio Episcopal, que construiu, comprando, em 1884 pouco mais ou menos, dos alicerces até o soalho já pronto, de Manuel Ferreira Barbosa. Ferreira Braga residia na segunda casa da rua das Flôres (Mons. João Soares), à esquerda de quem a segue desde a rua Dr. Braguinha até a Penha, casa essa em que morreu o Dr. Aquiles de Almeida, jornalista e poeta, nascido em Botucatu, e genro do capitão José Antônio de Arruda, funcionário do Fórum e do Gabinete de Leitura e muito católico.

Ferreira Braga veio falecer em São Paulo, no Hospital do Isolamento onde fôra tratar de um netinho, aos 18 de agosto de 1908, atacado de varíola.

Pereira da Rocha chegou a senador, fazendo política na Capital. Assim mesmo devemos-lhe a bela reforma, com alta grade de ferro, da ponte da cidade, cêrca de 1915. Até ali, as grades eram de madeira, e os tanchões e estiva de madeira; terra e pedregulho faziam o soalho sôbre os pilares de pedra, que lá estão desde 1855 ano da inauguração. Com a grade de ferro fêz-se um soalho de madeira, que passou ao cimento armado atual, mudando-se as grades, aí por 1930.

Por sua vez, Benedito Antônio Pires foi cedendo a sua posição política a seu filho Nhonhô Pires.

Calixto de Paula Souza capitaneou o povo que depôs a Intendência, na mesma noite de 14 de dezembro de 1891, em que Américo Brasiliense caíra em São Paulo.

Ele e Alvaro Soares foram os principais chefes do “Grêmio dos Atiradores”, fundado com armas enviadas por Floriano, e cuja sede era no atual prédio do “Cruzeiro do Sul”.

Calixto de Paula era muito suscetível como diz o povo. Em 1896 demitiu-se, por causa de alguma oposição popular motivada pelo serviço de água e esgotos.

Em 1897 começa a dirigir a política situacionista o moço Luís Nogueira Martins, nascido à rua da Penha, uma casa antes da esquina da rua Miranda Azevedo, à esquerda de quem sobe.

Tôda a gente, quizesse ou não, havia de acompanhar o diretório reconhecido pela Comissão Diretora do lendário e às vêzes glorioso P.R.P. Houve a primeira dissidência em São Paulo, em 1901, com reflexos em Sorocaba. Além disso, localmente os Pires chefiam a oposição a Nogueira Martins, fundando para isso *O Cruzeiro do Sul*, enquanto *O 15 de Novembro* defendia aquêle.

Em 1901 Francisco Loureiro e seus parentes e amigos mandavam em Sorocaba (apoiando a Nogueira Martins). Esta poderosa facção que rememorava as glórias de Bento Loureiro, veio a separar-se em 1906, levando consigo o talentoso escritor e jornalista sorocabano Antônio de Oliveira, redator de *O Comércio*. Nogueira Martins retemperou suas fôrças, com a volta dos Pires e a adesão do nôvo promotor Luís Pereira de Campos Vergueiro. Residindo em São Paulo, o deputado e logo senador Nogueira Martins tinha um secretário aqui, feito intermediário. Aos poucos foi abandonando a direção a Vergueiro, Pires, José de Barros e outros. Vergueiro foi chefe, principalmente desde que em 1911 se elegeu deputado, até 1926.

A oposição local de 1906 filiou-se ao hermismo em 1909, na memorável campanha civilista. Houve eleições municipais muito disputadas. Em 20 de junho de 1910 aconteceu a triste passeata hermista, afogada em sangue, na rua Mons. João Soares, havendo três vítimas, operários.

Em 29 de setembro de 1911 foi assassinado o Dr. José Marques Ferreira Braga, por uma questão não política, na rua de seu nome, esquina com a da Cadeia. Chico Loureiro, desgostoso, retirou-se para o Guarujá, e ficou enfraquecida a oposição local, que, com velhos e novos elementos galgou o poder, havendo o seu Diretório sido reconhecido pelo Presidente Júlio Prestes, em 1926. Vergueiro e seus companheiros continuaram, é claro, nos cargos eleti-

vos municipais até nova eleição. Uma das qualidades do Dr. Luís era o saber cercar-se de homens de valor e de tradição.

Aquêles ótimos novos governantes caíram ao sôpro da Revolução de 1930, com os mesmos a quem combateram. Juntos se reergueram para a epopéia de 1932. Em 1933, juntos venceram numa Frente Única. O Capitão João Clímaco de Camargo Pires e Luís Vergueiro cederam os postos a seus amigos mais novos que por sua vez, encontraram outros novos, bastando dizer-se que, sem muito mais apôio que simpatia geral, foi eleita vereadora a prof. Francisca da Silveira Queiroz. Começam as agitações sociais, Getúlio Vargas derruba os direitistas e esquerdistas, destruindo a democracia, que ressurge em 1945 com o dia da Vitória, a maior festa cívil que jamais houve em Sorocaba.

A Câmara Municipal de 31 membros ressentia-se de certa inexperiência política, mas é inegável que trabalhou seguindo as circunstâncias. O seu primeiro Presidente, prof. Genésio Machado, faleceu. Podemos honrar o seu nome o de um cavalheiro sensato, honesto e inteligente, que deu realce ao pôsto. Apraz-nos também lembrar João Ferreira da Silva, deputado estadual em 1928-1930, homem de uma inteligência e uma sensibilidade extraordinárias, e Afonso Vergueiro, aristocrata e popularíssimo, tendo falecido num desastre de automóvel após uma noite de São João em 1938. Embora menos popular, não foi menos dedicado e inteligente o promotor público e político Diogo de Sales.

Diogo de Sales fundou um jornal oposicionista *O Correio de Sorocaba*. Entre os governistas que a morte levou, conhecemos também João Clímaco de Camargo Pires, Joaquim Eugênio Monteiro de Barros e José de Barros e, no período após a Revolução de 1930, Eugênio Salerno, personalidades que fazem jús a versais de outro na história sorocabana. Não falamos dos vivos.

Estavam escritas essas palavras quando, ao rever provas, deve ser acrescentada o nome do Capitão Augusto César do Nascimento Filho, figura quase lendária, falecido em 15 de novembro de 1952.



CAPÍTULO X.

ADMINISTRAÇÃO OU GOVERNO RELIGIOSO.

O Padre Antônio Joaquim de Andrade foi o último vigário colado de Sorocaba. Doente, retirou-se para São Paulo, sendo-lhe dado pro-pároco na pessoa do "vigarinho", padre João Evangelista Pe-

reira Barros, flor do clero taubateano. Fêz ressurgir a piedade, fundando a associação das Filhas de Maria e organizando o Mês de Maio. Mons. Pereira Barros chegou a Vigário Geral da Arquidiocese. Faleceu a 18 de março de 1939, no asilo de Padres velhos das Perdizes e deixou tôda a sua fortuna, 600 cruzeiros velhos, para auxiliar nas despesas dos funerais.

O Padre Antônio Augusto Lessa, que era professor público e maestro, dirigia a piedade local por meio da Irmandade do Coração de Jesus, sendo também capelão de Santa Clara, retirou-se para São Paulo, onde faleceu feito cônego do Cabido em 15 de setembro de 1920. Sobrinho daquele padre Hígino de Camargo Lessa que fôra vigário aqui em 1852, sua mãe era sorocabana da gema, mas tendo seus pais ido a São Paulo, êle nasceu lá, à rua de São Bento. Pela hereditariedade ou educação e a longa residência em Sorocaba, conservou o sotaque, por exemplo, a fala aos arrancos, as vogais muito abertas (1).

Felizmente o clero secular foi socorrido com a chegada do padre Luís Augusto Sicluna que, como capelão da igreja de Santa Clara, auxiliou na matriz muitos anos e foi herói nas duas epidemias de febre amarela. Era ainda um sábio. Grego de Salônica, viera ao Brasil como congregado da Missão (lazarista). Viveu muitos anos enfêrmo em sua casa da rua de seu nome, cercado de tôda simpatia, falecendo em 1927. E' interessante lembrar que a essa época, pelo menos, não mostrava sotaque estrangeíro.

Sucessor do "vigarinho" foi Mons. João Soares do Amaral, que viera de Santa Cruz do Rio Pardo para fundar o Ginásio Diocesano em sua terra.

A história do Colégio Diocesano cabe pois, aqui. Foi iniciada, pelo heróico monsenhor João Soares do Amaral, com o auxílio do padre Luís, prof. Amaro de Oliveira, Dr. João Tavares de Almeida e outros. Pertencia à Diocese de São Paulo, que comprou os dois sobrados que haviam sido dos Lopes, junto à igreja do Rosário. Nas férias de 1896-1897 estiveram em Sorocaba os seminaristas menores e maiores de São Paulo. A Providência fêz vir a Sorocaba um dêles, que seria o seu primeiro Bispo. Entre outros, estavam os futuros Cardeal Leme, Bispo Dom Barreto e o Padre Regattieri.

O Colégio era ótimo, com meninos uniformizados e boa ordem.

Funcionou de 6 de abril de 1896 a 6 de março de 1897, quando um grande incêndio, à noite, obrigou mons. Soares a lançar pe-

(1). — Vejam-se os estudos de Mons. Deusdedit de Araújo. *No presbitério e na saúde e Lâmpada do Santuário.*

las janelas os colchões e pelas portas do fundo os alunos. Foi extinto o fogo rapidamente pelo povo convocado a toque de sino. A primeira febre amarela completou o final melancólico. Os prejuízos financeiros foram do monsenhor reitor.

Tornando-se vigário, mons. Soares passou a residir com um casal de antigos escravos à rua de São Bento. Em 1899 fez grandes reformas na matriz, na importância de 13 contos de réis. Faleceu no cumprimento do dever em 21 de fevereiro de 1900, sendo sucedido, por um ano, pelo padre José Raimundo.

De 1901 a 1951 foram párocos de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba (desde 1924 catedral):

Padres Agostinianos espanhóis, 1900-1907. Residiram no sobrado do extinto Colégio Diocesano, onde fundaram um Colégio, principalmente para externos e curso primário, sob o nome de Nossa Senhora da Consolação.

Cônego Antônio da Costa Bueno, 1907-1913. Foi modelo de pároco, ornado de tôdas as virtudes, inclusive a fortaleza, pela qual resistiu a alguns poderosos que não queriam ouvir tocar dobres de defuntos. E quanto mais êles reclamavam mais êle mandava o Sacristão dobrar o sino. Ao empossar o sucessor, disse que sempre cumpriu o seu dever. Êle e o único pastor protestante do tempo aceitaram as suas candidaturas a vereador, no intuito de pacificação, mas tiveram de retirá-las — os inimigos estavam impossíveis. O ministro referido era Carvalho Braga.

Padre, cônego, monsenhor Domingos Magaldi, 1913-1933, cuja memória é abençoada. Pacificou em grande parte a família sorocabana. Fêz a caridade às ocultas, nunca jamais, segundo viam os coróinhas, deixando de ajudar aos enfermos pobres que o chamavam. Seu costume era largar a nota sob o travesseiro para evitar agradecimentos.

Em fins de 1918 organizou a Comissão que derrubou a velha matriz menos a fachada e tórre, e construiu a catedral. Os atos paroquiais foram realizados na igreja de Santo Antônio. Foi auxiliado, durante algum tempo, pelos jesuítas e sempre pelos beneditinos.

Em 13 de janeiro de 1924 o Exmo. Snr. Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, sagrou o altar-mor da matriz assim re-inaugurada e, à noite, presidiu no "Gabinete de Leitura Sorocabano" à reunião da Comissão pró-Diocese.

A 4 de julho foi criada a Diocese de Sorocaba pelo Santo Padre Pio XI e nomeado seu primeiro bispo o então vigário de Bragança, cônego José Carlos de Aguirre.

Da Comissão faziam parte entre muitos, o juiz Dr. José Tiago Siqueira, o Dr. Luís Pereira de Campos Vergueiro, chefe político perrepista, o major Abílio Soares e o padre Luís Augusto Sicluna, êstes dois últimos os principais membros da Comissão de obras da catedral. O padre Luís fêz a planta e dirigiu pessoalmente a construção, tendo-se até ferido nela.

Em 8 de dezembro, sagração de Dom José de Aguirre em Bragança (com uma assistência de representantes de Sorocaba). A 31 de dezembro à noite, chegada, a 1º de janeiro de 1925 posse.

O palácio episcopal foi instalado na casa nº 8 da rua Cel. Benedito Pires, adquirida por 35 contos de réis (a segunda além da esquina, fronteira ao atual cinema Caracante). A Cúria ficou na casa de Santa Clara, frente à travessa Carlos Gomes.

O pró-pároco cônego Aristides da Silveira Leite (1923-1925) entregou a paróquia ao cônego Magaldi em dezembro de 1925 sendo que êste havia sido governador do bispado de Botucatu.

O atual palácio episcopal foi adquirido em 1926 por 80 contos de réis, e a Cúria e prédio de retiros foram inaugurados em 1935, tudo por economias de Dom José Carlos e parte do pequeno patrimônio de 100 contos de réis em dinheiro. Dom José Carlos cuidou e vem cuidando moral e materialmente de uma das mais belas tradições de Sorocaba, o convento de Santa Clara.

Monsenhor Magaldi teve contrariedades devidas à política local em 1933, muito agitada. Interpretou como ofensiva à sua dignidade certa atitude política e nem o povo nem o Exmo. Snr. Bispo conseguiram evitar a sua renúncia, e a permuta com o pároco de Itapetininga.

Mons. Francisco Antônio Cangro (1933-1952). Continuou Mons. Cangro, sorocabano de berço, desenvolvendo um fecundo apostolado, cercado da estima de todos. Houve grande progresso materialmente demonstrável, por exemplo na construção de muitas capelas, prédio da Ação Católica, reforma da torre e fachada. Renunciou em 1958, por enfermidade. Mons. Antônio Simon Sola, 1958 em diante. Zeloso pároco, estimado de seus paroquianos que o ajudam na reforma da Catedral.

Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos. Criada e instalada a 6 de agosto de 1926, funcionou no salão provisório do largo onde está o Ginásio de Esportes. Os padres seculares foram sucedidos pelos zelosos Padres franciscanos em novembro de 1938. Êstes mudando de local, construíram a bela matriz a começar de 1943. No alto de Santa Ana haviam construído a igreja de Santa Rita. Frei Eugênio,

frei Florêncio, frei Odilon, foram os párocos. Votorantin foi curato desde 1926 e Santa Rosália teve magnífica assistência religiosa desde antes do Bispado, pelos beneditinos. A bela igreja de Santa Rita teve como seu principal construtor frei Firmato.

A Ordem de São Bento recomeçou, mais viva do que nunca, a sua residência em Sorocaba, interrompida por leis iníquas, uma delas proibição de noviciado. Sua instalação seguiu-se, definitivamente, à feliz inauguração do Colégio Santa Escolástica, em 1908. Uma homenagem a dois mortos insignes: o capelão dom Adalberto Schwirtzem, que ajudou, a bem morrer centenas de sorocabanos, e à priora madre Melânia Wolmer, coração e energia.

O Exmo. Snr. Bispo Dom José Carlos inaugurou em 4 de novembro de 1939 o primeiro lanço do edifício do Seminário menor São Carlos Borromeu, um dos melhores do Brasil. O primeiro e o segundo Congresso Eucarístico foram simplesmente maravilhosos (1941 e 1949). O segundo, coroando as festas de 25 anos da Diocese e do primeiro Bispo. Esteve presidindo-o o Eminentíssimo Cardinal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, Arcebispo de São Paulo. Era o segundo cardeal a visitar Sorocaba, que em 28 de janeiro de 1931 recebera o Eminentíssimo Cardeal Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra.

Sorocaba engalanou-se para festejar o primeiro de seus filhos elevado ao episcopado, Dom Paulo Rolim Loureiro, que foi sagrado na matriz do Carmo, em São Paulo, a 15 de agosto de 1948.

Uma verdadeira multidão, chefiada pelos elementos mais representativos, acorreu à estação a 4 de setembro e à Catedral, no dia seguinte, para o primeiro Pontifical de um sorocabano bispo.

Em 1950 Dom José Carlos foi homenageado por sua volta da peregrinação à Roma. O Seminário e igreja anexa, imponentes e de belo estilo colonial, moderno na fachada, foram inaugurados definitivamente em 1954.

(*Continua*).